

JUVENTUDE CAMINHO ABERTO

Campanha da Fraternidade 1992 - CNBB

No 1, fev. 2021, p.1-6

FRATERNIDADE: TESTEMUNHO DE FÉ E EXERCÍCIO DE CIDADANIA

Carlos César de Oliveira
Assessor Nacional da PJMP



PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR

*Juventude e fraternidade, esperança de um mundo irmão**

Qual ou quais sentidos a fraternidade traz para a minha vida, enquanto jovem do meio popular? O que a Campanha da Fraternidade (CF), realizada desde 1964, tem ensinado? Que aprendizados tenho tirado dela? E por que trabalhá-la, de forma mais enfática, no período quaresmal? Você algum dia já parou para pensar sobre estas perguntas? Que tal pararmos agora para refletirmos não somente sobre a campanha, mas sobre a fraternidade e como ela pode nos mobilizar em prol da vida, em defesa de uma nova sociedade, mais humana, justa e solidária.

Pois bem, quero dizer que já parei, algumas vezes, para refletir sobre este tema e é por isso que ora dialogo com você(s). Proponho esta conversa, ao revisitar as minhas memórias e ao reencontrar-me com o lema da CF 1992 – Juventude Caminho Aberto – conforme a imagem que escolhi para a abertura deste texto. Para começar, remeto-me ao cartaz proposto para aquela CF, para lembrar que a juventude é uma porta aberta. É sair para o encontro de outros e outras jovens, promover encontros, “resenhar” juntos, descobrir, aprender a fazer e a ser, num processo coletivo em que, ao mesmo tempo, a gente aprende-ensina-aprende.

Analisando a imagem à luz do contexto atual, ousou dizer que a juventude é um caminho aberto para a “Igreja em saída” ir ao encontro das e dos jovens, reconhecendo-os como sujeitos, como colaboradores do reino de Deus, logo da fraternidade. Diante disso, indago: como têm de dado o seu encontro com outros e outras jovens? Sobre o que têm (se têm) dialogado?

A partir deste diálogo, destaco que os temas trabalhados pela CF são excelentes instrumentos de reflexão, de diálogos, e nos inspiram a realizar ações concretas no cotidiano das nossas comunidades. Além disso, por ter como base “a vida e a fé”, os temas por ela tratados podem servir como base para a realização de atividades, ampliando os limites as discussões e ações propostas pela CF. Isto justifica a minha retomada à CF 1992, e destacarei o porquê. Lembro-me que a primeira vez que ouvi falar da Campanha da Fraternidade foi em 1991, época em que estava com 12 anos de idade. Todavia, apesar de

ouvir falar, só fiquei mais inteirado do assunto em 1992 (27 anos após a primeira CF), pelo encontro e vivência do tema “Fraternidade e Juventude”.

À época, eu me perguntava:

Qual a importância de uma juventude fraterna e solidária? E como ser solidários em uma sociedade onde as e os jovens não são vistos com o devido respeito, especialmente quando se tratam de jovens do meio popular?

Diante disso, o diálogo que procuro tecer a partir deste texto é um convite a pensarmos sobre as nossas (ou não) ações com outras e outros jovens. Será que elas têm sido, de fato, solidárias e fraternas? Por que faço este questionamento? Porque acredito que fraternidade e solidariedade caminham juntas e não é à toa que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realiza, por ocasião do Domingo de Ramos, uma campanha solidária.

Acredito e defendo que ser fraterno, ser solidário, são princípios que enaltecem o “ser” humano. Avançando nesta discussão, eu diria que são princípios do Bem-Viver, uma vez que apontam para a construção de um outro modelo de sociedade, mais justa, mais humana, com mais equidade e menos exclusão. Sobre este assunto, inspiro-me no testemunho de Jesus Cristo, na sua solidariedade, nos gestos fraternos, expressos por meio da partilha, do cuidado, da capacidade de dialogar, de ouvir, de acolher as pessoas. Ser fraterno implica em tudo isso.

Sendo assim, inspirada no evangelho e no testemunho de Jesus Cristo, compreendo a Campanha da Fraternidade como uma época de oração-reflexão-ação, visto que trata sobre a vida humana, basta analisarmos os temas e sua beleza profética: vida e fé, fé na vida e vida de fé. “Eu vim para que todos tenham vida” (Jo 10:10). Quero destacar que, sensível aos problemas que afligem a sociedade brasileira, profeticamente, a Igreja do Brasil intensifica o desejo de justiça e paz, a exemplo de Jesus. Neste sentido, a CF se apresenta como um momento no qual trazemos e colocamos as nossas intenções, trazendo de forma mais enfática o cotidiano para as nossas orações.

Por tudo isso, a Campanha da Fraternidade me ensinou e tem me ensinado, especialmente neste ano do “diálogo” (CF 2021). Muita coisa tenho aprendido e apreendido, o que justifica esta nossa conversa. E você, que ou quais lições tem tirado da CF? Que ou quais ações vem realizando a partir dela? Ela é um convite a mirarmos no evangelho e à sua luz encarnarmos a nossa ação evangelizadora na vida do povo. É um momento através do qual a fé enraizada na vida, traduz a fé na vida, a fé em Deus e a fé na pessoa humana.

No caso da CF 1992, o destaque era para a fé na juventude (nas juventudes), algo que o Papa Francisco retoma no Sínodo sobre os Jovens (2018). A respeito disso, em prece volto-me para a musicalidade¹ da CF 1992, que lembro ainda hoje, quase 30 anos depois.

***Os jovens, teus irmãos Jesus Senhor,
Tem fome de justiça e de amor,
Sustenta tua luta teu vigor
Na força de teu pão libertador.***

Chamo atenção, inicialmente, para as palavras “irmão” e “amor”, pois traduzem esta dimensão do fraterno. Sobre este assunto, destaco que a vida e o testemunho de Jesus Cristo se dão no decorrer da sua trajetória juvenil. Criado em uma família e, por conseguinte, um ambiente humilde (popular), a trajetória social e profética de Jesus nos aponta para a construção de relações fraternas e a luta por justiça, tendo como ponto de partida a vivência da fé.

Do seu testemunho fica o convite para que as e os jovens, imersos nesta realidade injusta e excludente, possam emergir e promover a vida. Uma vida que se faz coletivamente, nos grupos dos quais participamos, socializamos e trocamos saberes. Ressalto que o testemunho de Jesus Cristo é um convite à mudança de vida. Ele nos leva a indagar: o que eu quero? Que projeto de Igreja, de sociedade, queremos?

Quanto à justiça, não é à toa que se trata de uma palavra (tema) recorrente ao longo das CFs. Isso me leva a crer que numa sociedade marcada por desigualdades sociais, por injustiça e opressão, a fraternidade implica na luta por justiça. Mas, para além da justiça, uma outra reflexão que os versos sugerem diz respeito à “comunhão”. Parto do princípio que a comunhão e a fraternidade caminham juntos, visto que Jesus Cristo, filho de Deus, nosso irmão, se doa e se faz memória em cada eucaristia. Uma outra questão é que a comunhão é a “comum união” entre pessoas. Neste sentido, é partilha, é cuidado, é prova de amor. E tudo isso resulta em fraternidade.

Fazendo memória, ou melhor, trazendo a memória alguns versos (CF 1992), em comunhão com outros jovens, indago: como jovens do meio popular, o que queremos?

¹ Por ocasião da escrita deste texto, não consegui identificar os compositores desta música. Mas, a mesma encontra-se disponível no material divulgado na época. A escrita é fruto da memória, que ora transcrevo.

***Queremos ser jovens, libertos doados,
Na causa do reino e do amor empenhados,
Abertos, conscientes, bem esclarecidos,
Juntar nossas mãos, caminhar mais unidos.***

É isso mesmo que queremos? O que temos feito em defesa das causas do reino de Deus? Além destas perguntas, duas outras parecem necessárias: Quem somos? Acredito que os versos sugerem este olhar para nós, para a nossa ação profética. Até que ponto estamos nos doando à causa do reino de Deus? E considerando que o reino é fraterno, até que ponto estamos exercendo, vivenciando, construindo a fraternidade? Até que ponto estamos ouvindo, compreendendo, cuidando, agindo em comunhão com outros e outras jovens? O diálogo, a oração e a participação se apresentam, portanto, como caminhos possíveis e necessários para o exercício da fraternidade, e da cidadania.

Com vista nesta problematização, continuo os meus questionamentos pautando-me numa reflexão mais ampla sobre o tema Fraternidade e Juventude. Como jovens, o que queremos ser?

evangelho; anunciando-o e denunciando toda e qualquer forma de opressão, conforme fez Jesus.

Testemunho implica, portanto, oração, reflexão, anúncio e denúncia. Ao mesmo tempo, ser luz sugere estar em comunhão com o projeto de vida experienciado por Jesus Cristo, com a Igreja, com a família, a comunidade, os grupos dos quais participamos, entre eles destaco a escola e o grupo de jovens. Contudo, convém lembrar que “testemunhar” e “ser luz” não é apenas está presente, como um ser mudo, imóvel. A exemplo da experiência de Jesus em Emaús (Lc 24:13-35), testemunhar e ser luz resulta em “caminhar com”, por meio da ação e da reflexão. E quando me refiro à reflexão, trago também a oração como ação reflexiva.

Neste contexto de comunhão, de oração, de encontro, a participação desponta e, conseqüentemente, a formação. Quantas experiências formativas vivenciei e vivencio a partir das CFs. Destaco que quando participamos da Igreja, quando nos inserimos na comunidade, no grupo de jovens, aprendemos para além da dimensão espiritual. Ao participar, aprendi a olhar para vida. Ao participar, aprendi, ensinei, continuo aprendendo e apreendendo sobre a intrínseca relação presente no binômio fé-vida, ou como eu prefiro dizer vida-fé.

Diante do diálogo que ora proponho, permeado de indagações, afirmo que ele é fruto do que venho aprendendo e vivenciando desde aquele primeiro encontro com a CF, em 1992. Reitero que as minhas memórias – pois enquanto escrevo recorro a elas – ajudaram-me a melhor relatar o papel da fraternidade, bem como da campanha proposta pela CNBB.

Ressalto, portanto, que enquanto escrevo, vou cantando e contando a partir dos versos, vou tecendo história. Uma história que se fez a partir da comunhão entre a Igreja e o povo, quiçá, de uma Igreja-povo.

Para finalizar, considero que a Campanha da Fraternidade é um convite ao compromisso. Seja a partir das inquietações provocadas por ela, seja por documentos da Igreja, em especial o Sínodo sobre os Jovens. Com versos, destaco:

***Estamos dispostos que Deus nos ajude,
A abriremos espaços para a juventude
Que jovem algum seja pois excluído,
De participar e também ser ouvido.***

O caminho encontra-se aberto, como sugeri no início deste diálogo ao trazer o lema da CF 1992 como referência, como ponto de partida. Em prece, rogo que Deus nos ajude na abertura e na construção de novos espaços com as juventudes. Mas será que temos clareza sobre que ou quais espaços estamos buscando? O que temos construído enquanto espaço de comunhão, de participação? Para mim, a CF se apresenta como espaço que suscita debates, reflexões acerca de um determinado tema. Em função disso ela nos dá pistas, nos aponta caminhos para a ação pastoral. Assim, por meio da oração – orar + ação – vamos refletindo, vivificando o projeto vivo e libertador testemunhado por Jesus Cristo. E o aprendizado que eu tiro de tudo isso é que a CF é, em si, um exercício de fraternidade, bem como de cidadania.

Face a isto, a Campanha da Fraternidade é para nós um convite a olharmos para a nossa vida e para as nossas práticas. É, também, um convite ao diálogo e à participação; a assumirmos um compromisso com a defesa da vida, pois Jesus defendeu uma “vida em abundância”. Sim, uma vida em abundância, pautada na lógica da fraternidade e da solidariedade, implicada com o combate às diversas formas de exclusão, de opressão, e com a defesa de uma vida mais humana e mais fraterna.

* Compositores da Epígrafe Inicial: José Weber; Pe. Lucas de Paula Almeida; Reginaldo Veloso.